

**30º Encontro Anual da ANPOCS**

**24 a 28 de outubro de 2006**

**ST05 - Juventude: sexualidade, gênero e reprodução**

**SER PAI, SER MÃE, SER JOVEM**

**ELISETE SCHWADE**

**(PPGAS – UFRN)**

## RESUMO

O texto em questão traz resultados de pesquisa sobre a vivência de jovens – pais e mães – residentes em periferias urbanas de Natal/RN. A gravidez na adolescência tem se colocado como um dos principais objetos de ação das políticas relativas à educação sexual e saúde reprodutiva. A pesquisa focaliza a concretização e vivência da condição de pai e de mãe na adolescência, vista pelas instituições que atuam junto aos jovens como um problema, tanto para as meninas-mães como para os meninos-pais. O contexto em que tal condição se realiza envolve a construção de vínculos conjugais, o apoio da família e da parentela, a referência nas instituições públicas, entre outros. Em todas estas instâncias, têm-se como pressuposto um processo de definição dos papéis associados ao masculino e ao feminino, no interior do qual maternidade e paternidade se concretizam. Situam-se, assim, as múltiplas referências que definem as noções de paternidade e de maternidade.

### 1- Preâmbulo

Nos programas e políticas sociais direcionadas para a educação sexual e saúde reprodutiva, a referência a um alto índice do que se convencionou chamar *gravidez na adolescência* é uma constante. A *gravidez considerada precoce* tem gerado intervenções no sentido de atenuar os efeitos e de prevenir a ocorrência, dentro de uma concepção que identifica tal gestação como problema e risco<sup>1</sup>. Está na agenda das instituições educacionais e de saúde a organização de espaços para reflexão coletiva, envolvendo informações sobre sexualidade, juventude, maternidade, paternidade, papéis de gênero, entre outros<sup>2</sup>.

A literatura sobre o assunto, especialmente nas ciências sociais, contém abordagens diversificadas, orientadas sobre vários enfoques, com ênfase na a

---

<sup>1</sup> Ver, a este sobre este aspecto, uma interessante reflexão feita por Heilborn et alii, 2002, que argumenta a associação das noções de *problema e risco* à gravidez na adolescência, em diferentes discursos: biomédico, psicológico e também no contexto social.

<sup>2</sup> De maneira recorrente, nas instituições públicas de saúde, argumenta-se a falta de informações sobre saúde sexual e reprodutiva como causa do alto índice de gravidez considerada precoce.

referência à juventude, sexualidade e gênero. Destaque merece ser dado aos estudos voltados para a *desconstrução* dos fundamentos da chamada *gravidez na adolescência*<sup>3</sup>, situando-a no contexto das reflexões sobre a paternidade e a maternidade. Buscar os fundamentos por si só amplia a reflexão, desde que contextualiza a gravidez considerada precoce em relação à idade, sexualidade, papéis de gênero, segmentos sociais entre outros. Assim, deixa de ser vista como uma condição auto-explicativa, mostrando-se portadora de diferentes nuances, uma *condição*, o que, como sugere Heilborn et alii (2002), instiga a repensar inclusive a definição. Neste sentido,

*“...Não é possível isolar o fenômeno da gravidez na adolescência de um contexto maior que são os roteiros sexuais que modelam a experiência da sexualidade e nos fornecem cenários sobre a socialização dos gêneros, da inserção dos jovens em determinadas configurações de família, redes de sociabilidade, em suma, nas teias sociais que condicionam suas trajetórias biográficas e sociais”* (Heilborn et alii, 1998, pp.3).

Minha reflexão segue na mesma direção, orientada pela necessidade de contextualizar a condição de pais e mães jovens. Apresenta resultados de pesquisa com jovens residentes em periferias urbanas de Natal – RN.

Como referência empírica, diferentes instâncias que se preocupam em discutir a questão, por meio do acompanhamento de atividades e contato com jovens integrados em diferentes grupos, em duas etapas distintas. Na primeira etapa (2002 – 2004), a observação foi realizada em dois espaços de reflexão e/ou atividades voltadas para os jovens: o programa *Agente Jovem* (viabilizado pela Prefeitura Municipal de Natal) e a ONG *Canto Jovem* (cujas atividades envolvem especialmente a reflexão sobre a sexualidade). Como desdobramento, na segunda etapa, agora focalizando a condição de jovens pais e mães, a pesquisa se concentrou em programas de atendimento a gestantes, em especial na maternidade Escola Januário Cicco – Natal – RN. Nesta instituição, a pesquisa

---

<sup>3</sup> Especialmente vários artigos que tem como referência o projeto GRAVAD, desenvolvido por meio de parcerias entre diferentes instituições, com pesquisas nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Ver, entre outros, Heilborn, 1998; Heilborn et alii, 2002; Dias e Aquino, 2006.

privilegia a participação em reuniões coletivas das pacientes, seus acompanhantes e profissionais, bem como observação direta na ante-sala de atendimento, onde conversamos com as pacientes e acompanhantes.

É importante fazer uma observação sobre o que considero adolescente. Dada a dificuldade de delimitar fronteiras que caracterizem a diversidade de modalidades em que se realiza essa etapa da vida, nesse trabalho não houve a preocupação de buscar uma definição. A referência são os jovens atendidos por programas e políticas sociais que foram citados na pesquisa.

Em um primeiro momento, chamou atenção a alusão de ausência de responsabilidade de parte dos jovens pais, os quais não estariam assumindo a paternidade, em se tratando da gravidez na adolescência. Sempre em uma perspectiva de *desconstrução*, buscou-se refletir sobre a paternidade, considerando-a a partir da categoria gênero. Assim, a primeira fase da pesquisa teve como enfoque a *responsabilidade paterna*, a partir do discurso dos jovens, por meio do acompanhamento de grupos de adolescentes, em espaços onde a reflexão sobre a paternidade (em correlação com juventude, sexualidade, entre outros) é estimulada. Estes jovens ainda não estavam na condição de pais, mas todos mencionavam ter amigos e/ou familiares nessa situação. Tal referência aparecia no contexto em que opinavam sobre a efetivação da paternidade, exemplificando suas representações. Isso instigou a continuidade da pesquisa, dessa feita, numa segunda fase, considerando as estratégias na consolidação da condição de pais e mães jovens.

Discutir a paternidade, no caso da gravidez na adolescência, implicou na consideração da *juventude* como contexto no qual é elaborado o significado da responsabilidade paterna. Neste sentido, é pertinente mencionar a literatura antropológica sobre juventude, a qual vem apontando a sua diversidade, uma vez que as representações dos jovens sobre sexualidade, paternidade, maternidade, papéis de gênero, relações familiares, entre outros, são construídas nos diálogos efetivados com diferentes campos semânticos com os quais tem contato (nas

artes, educação formal, lazer, diferentes organizações coletivas), bem como entremeio a conflitos decorrentes dos arranjos entre estas referências.

## **2- Sobre a *responsabilidade paterna***

As concepções de masculino e do feminino, concebidas em um universo relacional, indicam pistas para pensar questões sobre a “responsabilidade paterna”, uma vez que a condição do “pai responsável”, ou a sua negação, associa-se, no discurso dos jovens entrevistados, as funções paternas, vinculadas a modelos de masculinidades<sup>4</sup>. Desta forma, a condição de pai se constituiria extrínseca a identidade masculina, em contraste com a representação da maternidade como intrínseca e decorrência “natural” do ser feminino. No discurso dos jovens entrevistados, evidenciaram-se especialmente duas dimensões: de um lado, a insuficiência da condição de provedor para definir o que se espera do papel de pai<sup>5</sup>. De outro, quando se fala da paternidade juvenil, esta condição, a de provedor, se torna relevante. Daí a noção de que a gravidez na adolescência interrompe um ciclo de vida, não só para as meninas/mulheres/mães, mas também para os meninos/homens/pais. Diante disso, ser pai na idade juvenil pode, por exemplo, se constituir em um problema devido à (ainda) não consolidação de uma condição de provedor. Mas pode também remeter a questões da ordem da responsabilidade afetiva e educacional para com os filhos.

Em ambas as situações, a noção de responsabilidade revela conflitos, por se reportar a uma condição a ser assumida. Ser pai, como algo que deve ser assumido, implica em uma mudança significativa na forma como os jovens se percebem – podendo, no caso da paternidade juvenil, interromper um ciclo, um processo de consolidação da condição de adulto. Ademais, trata-se, diferente da gestação vivenciada pelas meninas jovens, de assumir uma condição social. A referência discursiva à condição de pai centraliza-se nas funções, especialmente na condição de provedor, efeito de um discurso mais geral sobre a

---

<sup>4</sup> Sobre modelos de masculinidade, ver especialmente Almeida, 1995. Sobre a paternidade na adolescência, Medrado e Lyra, 2000 Medrado, Arilla, 1998. Costa

<sup>5</sup> Referência enfática quando falam como filhos.

responsabilidade paterna. A maternidade, por sua vez, estaria vinculada também a uma concepção intrínseca do “ser feminino”.

Ficou evidente, nos discursos dos jovens entrevistados, que as discussões da responsabilidade paterna, juvenil em particular, precisam levar em conta fatores que ultrapassam a questão da reprodução, situando a maternidade como algo inscrito no corpo biológico e a paternidade como o ato de assumir uma responsabilidade social. Cabe questionar em que medida a dificuldade de re-significar a representação sobre a figura paterna se explicita na redefinição constante dos papéis culturalmente atribuídos ao feminino e ao masculino. Inseridos na dinâmica cultural das cidades, tais redefinições ocorrem em um contexto no qual valores, concepções acerca do ser homem e ser mulher, ser pai e ser mãe, são veiculadas em diversas agências. Como exemplo, espaços de ONG's, políticas públicas voltadas para a saúde, além dos contatos próprios de uma movimentação presente na dinâmica cotidiana (locais de trabalho, de moradia, redes de lazer, religiosidade entre outras).

A noção de *responsabilidade* (em especial a alusão da ausência de) se mostrou exemplar na indicação da necessidade de relativizar o critério da faixa etária para considerar a gravidez como um *problema*. Uma vez que a juventude é entendida não como uma determinada faixa etária, é mais que uma idade da vida, a responsabilidade, quando identificada como ausente, entra em conflito com o desprendimento em determinada fase da vida, a *zoeira* e, em especial nos segmentos populares, com a não consolidação da condição de provedor, entendida como fundamental para assumir a condição de pais. Sublinha Arilla (1998),

“...assumir um filho pode determinar a passagem de uma vida de ‘zoeira e irresponsabilidade, aprendizagem, molecagem’, para uma vida de compromissos, perda de amizades, perda ou limitações da vivência da sexualidade como vivência da sexualidade do prazer, sem limites...”.

Nesse caso a definição de paternidade orienta os diferentes sentidos da responsabilidade, tal como assumir a nova família e principalmente prover. Como assinala Costa (2002),

*“...a paternidade não é concebida apenas como fazer filhos; ela está relacionada também à capacidade sustentá-los e educá-los. Sustentar os filhos é considerado uma responsabilidade masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade...”*

Sustentar e educar filhos comprova o atributo moral do bom pai: aquele que educa, que diz o que é certo e o que é errado.

Ressalte-se a ausência de uma referência substantiva que permita identificar os contornos da responsabilidade paterna. Sempre entendida como uma condição que se assume, esta se relaciona de maneira diferenciada com padrões de masculinidade, estes últimos também cambiantes e não redutíveis ao “tradicional” e ao “novo modelo”<sup>6</sup>. As diferentes estratégias de realização da paternidade e maternidade na prática permitem ampliar esta reflexão.

A etapa atual do estudo focaliza a vivência da condição de pai e mãe na adolescência. Este recorte ampliou sobremaneira a importância da reflexão a partir do gênero, em razão das evidências de representações associadas ao masculino e ao feminino na referência a maternidade e paternidade. Trata-se de compreender a vivência do processo, a qual, além de articular diferentes campos semânticos, situa-se como uma confluência de estratégias. No contexto em questão, deve-se sublinhar algumas singularidades. São jovens residentes em periferias urbanas, para os quais relações familiares, conforme sublinha Leal (1998), têm importância fundamental, que se acentua em situações consideradas de risco (p.235). Outro aspecto é o significado da conjugalidade, a qual aparece associada à ocorrência da gestação e se realiza em múltiplas formas de convivência. Estes e outros indicadores apontam a dinâmica de referências identitárias de pai e mãe jovens, as quais, no plano discursivo, aparecem como

---

<sup>6</sup> Conforme assinala Costa (2002), os padrões de masculinidade, quando no exercício da paternidade, são resignificados, o que indica que homens e mulheres, no seu dia-a-dia, transitam entre diferentes atribuições de gênero, reiterando a idéia de que o gênero é negociado e constituído situacionalmente.

portadoras de características substantivas. No processo de construção das relações sociais, na vida acontecendo, múltiplos discursos e práticas se entrecruzam na configuração da condição de mães e pais jovens.

A pesquisa possibilitou ainda o aprofundamento de questões relativas à programas e políticas sociais estabelecidas em relação ao que se identifica como *problema da gravidez na adolescência*.

### **3 – O atendimento aos jovens, mães e pais**

Atualmente, diferentes instituições públicas de saúde possuem programas de atendimento específico para adolescentes grávidas, bem como espaços de reflexão para os cônjuges. Portanto, a abordagem da questão necessita considerar tal dado, uma vez que os diálogos dos meninos-pais e das meninas-mães com conteúdos ali veiculados re-significam as representações que os mesmos constroem sobre a condição de pai e mãe jovem.

Como ponto de partida, buscamos informações nos espaços de atendimento em instituições públicas de saúde de Natal/ RN. Foram identificados diferentes programas de atendimento a adolescentes grávidas, a saber: Secretaria Municipal de Saúde, a Unidade Materno Infantil do Bairro Felipe Camarão e a Maternidade Januário Cicco.

A Unidade Mista de Saúde do bairro de Felipe Camarão é situada na zona oeste de Natal, uma das regiões apontadas como destaque pelo alto índice de gravidez na adolescência. Nela funciona uma unidade materno infantil onde foi feito contato com Assistente Social, Auxiliar de Enfermagem e Agente de Saúde, o que permitiu chegar as jovens pesquisadas. A Unidade Mista de Saúde de Felipe Camarão é ainda composta pelo pronto-atendimento, atuação de seis equipes do PSF (Programa de Saúde da Família) e por uma maternidade.

Na unidade materno infantil, realizam-se reuniões de acolhimento ao pré-natal com uma assistente social que fala, entre outras coisas, da importância do leite materno, dos primeiros cuidados com a higiene do bebê e da alimentação que a gestante deve estar ingerindo durante esse processo, frisando os perigos do

cigarro, drogas e da bebida. São ainda efetuados alguns atendimentos às gestantes, como a verificação da pressão arterial.

Já a Maternidade Escola Januário Cicco desenvolve Programa de Assistência à Saúde Sexual e Reprodutiva da Adolescente, que acompanha as gestantes adolescentes, fazendo o pré-natal, revisão pós-parto e o aborto, além de dar orientações sobre a saúde, planejamento familiar, DST/AIDS.

As observações continuadas tem se concentrado na Maternidade Januário Cicco, onde submetemos o Projeto de Pesquisa à Comissão de Ética da instituição, na qual foi aprovado. Neste espaço, realizamos observações diretas no atendimento do Programa de Assistência da à Saúde Sexual e Reprodutiva da Adolescente. O referido programa possui uma escala diferenciada de atendimento, alternando consultas ginecológicas e obstétricas. As observações se concentraram especialmente nos períodos em que são realizadas consultas obstétricas.

O atendimento nesse programa possui um caráter diferenciado, desde que o mesmo é desenvolvido tendo como referência, não somente a situação de gravidez, mas o contexto mais amplo da saúde sexual e reprodutiva. É efetuado com a participação direta da coordenadora do projeto, médica obstetra, a qual orienta médicos residentes e estudantes de medicina. O projeto conta ainda com a participação permanente de uma psicóloga.

Em todas as etapas, observa-se um cuidado dos profissionais, no sentido de dar um caráter singular para a intervenção, ampliando-a para além do acompanhamento da gestação. Especial destaque tem a reflexão sobre a saúde sexual e reprodutiva, com orientações sobre prevenção de DSTs e uso de métodos contraceptivos logo após o parto.

Antes de serem atendidas individualmente, as pacientes agendadas participam de uma reunião coletiva, com a presença da Coordenadora do projeto, da psicóloga, dos médicos. Nesta reunião, a coordenadora explicita as atividades realizadas pelo Programa. Menciona a importância da participação dos pais/companheiros para acompanhar a mãe no pré-natal e no parto, com a finalidade de introduzir, na vivência conjugal, um modelo de pai participante para

os pais e mães adolescentes presentes. Informa ainda que, na impossibilidade do pai, outra pessoa pode acompanhar, estabelecendo, enfatiza, um “conforto” psicológico maior nessa hora tão especial para as mulheres, e principalmente, em se tratando das adolescentes, mulheres inexperientes, o que requer uma segurança maior.

Esta forma de introduzir as adolescentes no acompanhamento e atendimento proporciona uma participação efetiva das mesmas em todo o processo, reconhecendo a instituição, os diferentes profissionais e suas respectivas funções.

As adolescentes inscritas no programa são orientadas a agendar consultas mensais e, quando da aproximação do parto, o acompanhamento semanal. São encaminhadas para os procedimentos do parto na própria maternidade, o que permite a continuidade do acompanhamento. Após o nascimento do bebê, as jovens mães são orientadas a fazer a “revisão do parto”, momento em que os profissionais enfatizam a prevenção de uma nova gestação imediata, atentando para os riscos e indicando métodos contraceptivos.

Tendo em vista as preocupações dos profissionais envolvidos neste espaço, pode-se perceber alguns efeitos deste atendimento qualificado. Em primeiro lugar, a reflexão sobre as diferentes dimensões do estado de gravidez, com evidente preocupação na orientação das gestantes, a qual se estende inclusive à prevenção de uma nova gravidez imediata, dando a opção do atendimento continuado para o planejamento. Destaca-se ainda a referência aos direitos por ocasião do parto, enfatizando o que se convencionou chamar de parto humanizado. Neste contexto, é incentivada a participação dos jovens pais, orientando-os a acompanhar os exames do pré-natal e do parto. O acompanhamento do projeto, de março a agosto, sinaliza que este incentivo à participação dos jovens pais vem surtindo efeito, desde que observamos um aumento significativo no pré-natal<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Há um incentivo do Programa da Maternidade Januário Cicco, e também em outras unidades de saúde, no sentido de que o pai da criança acompanhe os exames do pré-natal, bem como todas as providências em relação à gestação. Entretanto, a presença dos pais jovens não é recorrente e a justificativa é a dificuldade deles se ausentarem do seu trabalho. De modo geral, as jovens estão acompanhadas pelas suas mães ou por mulheres com algum vínculo familiar.

É preciso considerar que o incentivo ao acompanhamento dos pais se realiza no contexto de normatização do atendimento de saúde, neste caso, no que se refere à saúde sexual e reprodutiva e que termina interferindo na sexualidade. Este aspecto nos faz indagar sobre a relação desta participação com possíveis mudanças nos papéis atribuídos ao ser pai e ser mãe, no contextos das representações sobre o masculino e o feminino. Assim, merece ser contextualizado *vis a vis* a outras dimensões da concretização da condição de pais e mães jovens, no cruzamento proposto, entre sexualidade, gênero, gerações, redes de relações familiares.

#### **4 - Pais jovens trabalhadores, mães jovens donas de casa.**

A referência à gravidez em determinada faixa etária como gravidez na adolescência, e a conseqüente definição como um problema, tem instigado a reflexão sobre o que se classifica como adolescente. Como sublinha Heilborn (1998), trata-se de desnaturalizar a fase da vida identificada como “adolescência”, por meio da introdução de marcas que sinalizem a diversidade neste campo indiferenciado denominado gravidez na adolescência, “...*justamente no sentido de salientar que este grupo etário compreende experiências sociais muito diversificadas, ainda que quando apenas considerado o fator idade*” (p.2).

Na pesquisa, de 20 jovens contatadas, a idade das meninas-mãe se situa entre 12 e 18 anos<sup>8</sup>, enquanto os meninos-pais têm entre 18 e 22 anos. Este é um dado relevante e aponta para uma dimensão que merece atenção, reiterando a necessidade de relativizar a chamada gravidez na adolescência. Como considerar que meninos-pais e meninas-mães são ambos adolescentes, com tamanha diferença na faixa etária? Na impossibilidade de precisar a adolescência utilizando o critério da faixa etária, quais as outras possibilidades?

Pode-se perceber que a faixa etária tem implicações diferenciadas, em se tratando de meninas e meninos. Os ciclos, viabilizados ou interrompidos pela

---

<sup>8</sup> Para o atendimento no programa da Maternidade, considera-se adolescente as gestantes com idade entre 12 e 18 anos.

ocorrência da gravidez, não são os mesmos. Tal questão deve ser pensada no contexto das atribuições de papéis de gênero. Se, para os meninos-pais, como enfatizamos anteriormente, a questão central é a possibilidade de assumir a condição de provedor, para as meninas-mães a gravidez significa mudanças em sentido mais amplo, envolvendo novas relações e também alterando a sua percepção do corpo.<sup>9</sup>.

Essas diferenças entre as implicações da concretização da gravidez são indicativas de singularidades das trajetórias, tanto quando comparadas, por exemplo, com os segmentos médios, quanto no que se refere às atribuições de gênero e diferenças de geração. É nesse sentido que, na descrição do perfil dos jovens pais e das jovens mães, um olhar a partir do gênero tem extrema relevância. Tal enfoque permite, por meio da elucidação mútua, perceber lógicas subjacentes à concretização diferenciada dessa condição para os jovens e as jovens.

É ilustrativa, para essa reflexão, uma reportagem divulgada pelo Jornal A Tribuna do Norte (Natal-RN), dia 20.06.2005, a qual procurou sinalizar importantes influenciadores sociais que resultam no aumento do número de adolescentes grávidas. Entre eles, a reportagem enfatiza ausência de um projeto de vida, para meninas adolescentes residentes nas periferias das grandes cidades, que não incluam o ser mãe como realização pessoal. Entretanto, é preciso considerar também que são os laços comunitários, envolvendo a família, a parentela e a vizinhança, que se constituem em apoio, fazendo com que a gravidez não seja vista exclusivamente como um problema. Morar com os pais do adolescente ou da adolescente nesse caso é fundamental, pois permite apoio no cuidado do filho/a. Retornarei a esta questão.

É na restrição do campo de possibilidades que encontra justificativa um padrão recorrente de meninas que entendem ser o seu papel o de dona de casa e do marido de trabalhar fora, conforme pode ser observado nos dados da pesquisa.

---

<sup>9</sup> Condição que será plenamente realizada, para os jovens, quando existe um vínculo empregatício: ter “emprego fixo” se constitui em um valor em uma realidade onde o trabalho informal é, muitas vezes, a única alternativa. Questão sublinhada por Fonseca (2003), em estudo sobre segmentos populares e que aparece também de maneira enfática na pesquisa em questão, conforme retornarei a seguir.

Como já foi sugerido em pesquisa realizada por Claudia Fonseca (2000), é preciso considerar que, em algumas situações, a “boa dona de casa” e a “boa mãe” é a mulher que se dedica exclusivamente ao cuidado da casa e dos filhos, não exercendo atividades remuneradas fora do âmbito doméstico.

Há outros momentos em que aparece uma divisão clara dos papéis esperados das mães e dos pais. Perguntamos sobre a preparação para a chegada do bebê, e uma jovem enfatizou: foram juntos, ele e ela, comprar o que ainda faltava do enxoval. Mas ele dava muitas opiniões e ela achou isso “...*muito chato, pois eu sou mulher e entendo dessas coisas... o papel dele é me levar e levar o dinheiro*”.

Situados no conjunto da reflexão sobre a construção do masculino e do feminino, tais dados indicam especificidades definidas de acordo com o contexto. O que implica, como exemplo, que a condição de provedor, esperada pelas meninas-mães, deixe de ser vista como reforço de um papel tradicionalmente associado à condição de homem dos meninos-pais. É nesse aspecto que a categoria gênero e seu viés desconstrutivo pode contribuir, por meio de uma reflexão circunstanciada, que situe estas noções num universo relacional, o que implica elucidar a expectativa que as meninas –mães tem dos meninos-pais como provedores no contexto nos seus projetos de vida, em que se ressalta, de modo especial, as condições sócio-culturais em que estão inseridos. Numa situação em que múltiplas referências fundamentam as construções das identidades, a reflexão no campo das relações de gênero suscita a consideração de diversos fatos e interações nos quais as identidades sociais são elaboradas. Maternidade e paternidade devem ser consideradas como situações que envolvem a definição dos papéis de gênero, geração, relações familiares, concepções de sexualidade, entre outros. Especial destaque têm os papéis de pai e mãe, construídas em referência a padrões associados ao masculino e ao feminino. Portanto, para compreender a alusão ao ser pai como provedor, deve-se considerar o fato da maternidade ser vista como algo intrinsecamente feminino, o que faz com que o cuidado da criança seja entendido como tarefa da mãe, da sogra, das cunhadas e não do pai.

Uma outra referência comum, evidência de pesquisas e justificativa para caracterizar a gravidez identificada como precoce *problema*, é o que se chama interrupção de um ciclo de vida, tanto para as meninas mães como para os meninos pais. É preciso pensar sobre este ciclo: como se define? O que estaria sendo interrompido? No caso da nossa pesquisa, a idéia de “prolongamento da juventude”, presente nos segmentos médios como uma referência importante na trajetória, não pôde ser percebido. A entrada na idade adulta parece ser definida, para os meninos pais, no momento em que se consolidam como trabalhadores e, para as meninas mães, quando assumem a maternidade e se tornam donas-de-casa.

A interrupção dos estudos é com freqüência mencionada como um exemplo: as jovens, quando engravidam, tendem a interromper a trajetória escolar, conforme mencionam Dias & Aquino, 2006, e Heilborn, 1998, dado que também se confirma na nas jovens com as quais mantivemos contato. Embora todas manifestem desejo de retomar tal trajetória posteriormente, apenas em três casos permaneceram na escola. Parece haver total incompatibilidade entre a condição de mãe e a continuidade dos estudos. Dado a ser relativizado, como já sublinhou Heilborn et alii – a interrupção dos estudos pode ser feita a qualquer momento, com diferentes justificativas. Isso também se evidencia na pesquisa, como no exemplo do relato de uma jovem de dezesseis anos, grávida de cinco meses, que contava ter abandonado os estudos com quatorze anos, devido á mudança de endereço e dificuldade de transferir a matrícula para outra escola. Mas merece especial reflexão a sugestão da incompatibilidade, o que talvez se explique porque os estudos, para as meninas-mães das camadas populares, não necessariamente significam maiores chances para ascensão social, consolidando uma profissão ou aumentando as chances no mercado de trabalho.

Tornar-se mãe, tornar-se pai, envolve ainda outras mudanças, relacionadas com a concepção do que é ser jovem e das respectivas atividades. É difícil buscar uma definição para o *ser jovem*, como sublinha de maneira pertinente Regina Novaes (1997). Referindo-se a “juventudes cariocas”, a autora assinala que, embora a idéia de juventude remeta a uma “idade da vida”, as diferenças

emergem na medida em que esta idade é contextualizada tendo em vista questões tais como local de moradia, religiosidade, escolaridade etc., e, eu acrescentaria, o gênero.

Quando se concretiza a condição do pai e da mãe, mencionam a restrição da frequência a festas e opções de lazer identificadas como “da juventude”. Nesse sentido, a mudança mais significativa é apontada como parte da trajetória das jovens mães, as quais se sentem impedidas de participar em diversas atividades, as festas e baladas em especial, uma vez que, como mencionam na suas falas, sentem-se “cansadas e enjoadas”. Entretanto, espera-se dos jovens pais que também restrinjam sua participação, como parte do *assumir a responsabilidade*.

### **5 - Conjugalidade e relações familiares: “*saí de casa quando não dava mais para esconder a barriga*”.**

Diferentes estudos sobre residentes em periferias urbanas têm apontado a particularidade das normas e valores familiares. O que orienta as relações é a convivência grupal e comunitária, ao contrário dos segmentos médios, onde o individualismo é apontado como norteador<sup>10</sup>. Esse aspecto é de fundamental importância, contribuindo para uma representação e vivência singular da gravidez neste contexto.

De maneira geral, os casais, quando da ocorrência da gravidez, ainda não convivem na mesma casa. Saber da gravidez se torna um motivo para procurarem um espaço para morar, o que pode não se concretizar imediatamente, exigindo arranjos - moram com os pais do ou da jovem<sup>11</sup>, ou também com os avós, em alguns casos. Impressiona a referência à mobilização de uma ampla rede de relações familiares para a chegada do bebê. Um apoio que envolve desde

---

<sup>10</sup> A esse respeito, várias são as referências. Ver, entre outros, os estudos de Sarti, 1996; Fonseca, 2001. Sobre a sexualidade e gênero, Heilborn (1999).

<sup>11</sup> Não percebemos a mesma recorrência apontada por Leal (1998), de preferência pela residência na casa dos pais da jovem.

a estruturação de um espaço para a moradia, passando pelo acompanhamento efetivo da gestação (por exemplo, das consultas do pré-natal) e se estende ao momento do nascimento, conforme relatos de jovens mães que já tem filhos e que mencionam o apoio de sogras, cunhadas, irmãs (especialmente do que se poderia chamar rede familiar feminina).

A literatura antropológica envolvendo o estudo de segmentos populares urbanos vem sublinhando a importância das relações familiares neste contexto, como princípio ordenador. Como aponta Leal (1998), devido a precariedade das situações sócio-econômicas, a família e sua organização ampliada passa a ter importância fundamental (p.385).

Neste contexto, a gravidez se consolida entremeio a estratégias complexas. No caso da chamada gravidez na adolescência, que, de modo geral, não é percebida como problema pelos envolvidos, quando ocorre ocasiona uma intensa negociação sobre a distribuição das responsabilidades em vista da situação.

Na pesquisa, há referência, de parte das meninas-mães, a uma *decisão* de ter filhos. Embora com alguns relatos de que a gravidez “aconteceu”, de maneira geral fala-se em um desejo, mais do que um planejamento da gravidez. É preciso considerar que, em especial para as jovens, a gravidez está relacionada à concretização do vínculo conjugal. Engravidar consolida a relação e, se o parceiro estiver empregado, permite ter uma casa. Entretanto, embora a expectativa de ter o espaço para o novo núcleo familiar esteja no horizonte da concretização do vínculo conjugal e particularmente na ocorrência da gravidez, não se realiza facilmente. De maneira geral, o novo casal reside com familiares, contando com o apoio efetivo desta rede de relações.

O apoio da família ocorre dentro de alguns limites que são definidos na relação familiar, indicando para os pais e mães jovens a necessidade de assumir o cuidado da criança. Uma situação em que a mãe jovem grávida não concretizou o vínculo conjugal, a mãe da jovem assinalou os limites do seu apoio: *“...Agora eu disse a ela que ficava com a criança, sim, para ela trabalhar, estudar, mas para ficar na farrá, eu não fico, pois eu vou, sim, ajudar a criar, mas não crio só, por que o filho é dela...”*.

Em algumas situações o apoio da família se dá no sentido de tentar não levar a gravidez adiante, argumentando possíveis dificuldades. Uma jovem nos relatou que, embora sempre tivesse o desejo de ter filhos, sua avó, com quem reside, quando soube da gravidez, “...queria que eu tirasse o bebê, por que eu não estava pronta para ser mãe”. Conta que chegou a tomar alguns chás, mas terminou desistindo.

Um outro dado relevante, que se repete, é a referência ao “planejamento” do primeiro filho e a ocorrência de uma segunda gravidez por “descuido” ou “acidente”. De um universo de 20 jovens, todas entre 12 e 18 anos, para seis delas a gestação em curso não é a primeira – já são mães de um ou mais filhos.

Ainda no que se refere às relações familiares, há um dado, ainda indicativo, que merece uma apreciação na continuidade da pesquisa. Trata-se de uma espécie de reprodução da faixa etária em que as jovens mães têm filhos. Diante da pouca idade de muitas acompanhantes-avós, começamos a perguntar com quantos anos estas tiveram seus filhos. Nas repostas, constatou-se que muitas mães, hoje avós, mães das jovens gestantes, tiveram filhos *bem novinha*, para utilizar a expressão de uma jovem. Ao lado das mães jovens, também vários relatos de irmãs mães, também muito jovens. Cabe perguntar se isso influencia em uma certa “normalidade” atribuída à condição de jovens gestantes.

\* \* \* \* \*

Diante da complexidade das relações presentes na consolidação da condição dos jovens pais e mães, fica evidente a necessidade de atentar para a diversidade que envolve o que amplamente se divulga como *gravidez na adolescência*.

Percebe-se que as políticas sociais voltadas para os jovens têm um caráter normatizador, desde que incentivam o planejamento, prevenção, a atenção aos riscos etc.. Cabe perguntar em que sentido influenciam na definição dos papéis que se entende devam ser assumidos por jovens pais e mães. Em outras

palavras, em que medida é possível localizar, na efetivação de tais políticas, influências na re-significação dos papéis de gênero, dimensão que se destaca.

De todo modo, se esta influência pode ser apontada, ela jamais será exclusiva, tendo em vista a sua necessária *contextualização*, desde que os aspectos normativos presentes em tais políticas são alvo de re-elaborações de parte dos jovens, em diálogo com a sua realidade sócio-cultural.

Por fim, vale sublinhar a especificidade da concretização da condição de pais e mães jovens, de acordo com os segmentos sociais. Em se tratando das camadas populares, questões tais como o prolongamento da juventude, em razão da realização de trajetórias profissionais individuais, como requisito para a constituição de novo núcleo familiar não tem o sentido que isto possui, por exemplo, em segmentos médios. Isso tem um impacto nas mudanças esperadas, por inúmeros profissionais que pertencem a estes últimos e atuam junto aos segmentos populares, por exemplo, nas representações e atribuições associadas ao masculino e ao feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARILLA, Margareth. Homens: entre a zoeira e responsabilidade. in ARILLA, Margareth e MEDRADO, Sandra G.(Org.) Homens e Masculinidade. São Paulo. Editora 34, 1998.

ARILLA , Margareth e MEDRADO, Sandra G. (ORG.) Homens e Masculinidades. São Paulo: Editora 34, 1998.

ALMEIDA, Miguel do Vale.Senhores de si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade.Ed. Fim de Século.Lisboa,1995.

DIAS, Acácia Batista e AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. Caderno de Saúde Pública, vol. 22, no.7, Rio de Janeiro, jul 2006.

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GROSSI, Miriam Pillar.Posfácio.in: SILVA, Alcione L; LAGO, Mara C.S; RAMOS, Tânia R.(orgs.). Falas de Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. “Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social”. In: VIEIRA, Elizabeth M., FERNANDES, Maria Eugênia, BAYLEI, Patrícia e McKAY, Arlene. (orgs.). *Seminário Gravidez na Adolescência*. Saúde do Adolescente – Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health Internacional, Associação Saúde da Família, Rio de Janeiro, 1998.

HEILBORN Maria Luiza et alii. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, vol 8, no. 17, junho de 2002.

HÉRITIER, Françoise. Masculino,feminino: o pensamento da diferença, Lisboa: Piaget, 1996.

LEAL, Ondina Fachel. Cultura reprodutiva e sexualidade. In: *Revista de Estudos Feminista*. Florianópolis, ano 6, 2º. Semestre de 1998.

LYRA, Jorge & MEDRADO, Benedito. Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. In: *Revista de Estudos feministas*. Vol.8, número 1, 2000.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, no. 49, junho de 2002.

NOVAES, Regina. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: Vianna, Hermano (org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e identidades culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como espelho. São Paulo: FAPESP, 1996.

SOUTO, Jane. O outro lado do funk carioca. In: Vianna, Hermano (org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e identidades culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e identidades culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.